



Eixo 5. Saberes e Práticas agroecológicas

**AS JORNADAS DE AGROECOLOGIA DA BAHIA COMO ESPAÇO DE
ARTICULAÇÕES E RESISTÊNCIAS: UMA ANÁLISE DA QUINTA EDIÇÃO**

Anderson Souza Viana

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

asviana@uneb.br

Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho

Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus X)

luzenicarvalho@yahoo.com.br

RESUMO - Este texto objetiva analisar brevemente as Jornadas de Agroecologia da Bahia, em particular a quinta edição, como espaço de articulações e resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos Povos. A metodologia utilizada na coleta de dados foi a aplicação de um questionário online a 37 sujeitos, todos vinculados à Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Os resultados preliminares trazem que os sujeitos da pesquisa apontam relevantes aspectos da V Jornada de Agroecologia, tais como: Prática de valorização da ancestralidade; diversidade; feira de Produtos Agroecológicos como fortalecimento da relação teoria e prática; espaço de troca de experiências e de aprendizados; espaço de Articulações entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes; dimensão política do evento, engajamento crítico/defesa de uma sociedade sustentável, anticapitalista; protagonismo dos povos originais e movimentos sociais no debate; espaço que propicia conhecer as lutas e os problemas de cada povo; fortalecimento da diversidade cultural brasileira. Ainda, os sujeitos reconhecem as Jornadas de Agroecologia como espaço formativo, de fortalecimento das lutas dos povos; espaço de autonomia e protagonismo dos povos originários e movimentos sociais; como espaço de resistências, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual.

Palavras-chave: Jornadas de Agroecologia da Bahia. Resistência. Articulação. Teia dos Povos.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a Agroecologia tem se constituído um horizonte onde os distintos povos organizados (do campo, das florestas, das águas etc) tem buscado outra forma de conceber e lidar com a agricultura.

A concepção da visão mecânica para o mundo e seus recursos naturais foi por muito tempo predominante, e ainda é muito presente na sociedade. Tal concepção está pautada no pensamento positivista que colocou o conhecimento científico como

superior às demais formas de compreensão do homem, suas necessidades, seu lugar e papel no sistema planetário. O cartesianismo foi um dos modelos para a base de conhecimento científico que contribuiu para a dissociação do sistema produtivo alimentar com as relações ecológicas sustentáveis, na medida em que determinou que se fosse conhecido o funcionamento de todas as partes de determinado objeto de estudo, terá um entendimento do funcionamento global desse objeto, tornando dessa forma fragmentada a concepção e compreensão da ecologia. (NORGAARD, 1989)

Contrapondo com a forma de produção que, converte os recursos dos ecossistemas naturais em meros produtos, e, portanto, em mercadoria, e o sistema de produção alimentar como um mercado para comercialização infinita surge no final do século XX a Agroecologia.

Para Altieri (1989), Agroecologia é a ciência ou a disciplina científica possuidora de uma série de princípios, conceitos e metodologias que objetivam estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, viabilizando a implantação e o desenvolvimento de estilos para uma agricultura sustentável. Segundo o autor, a Agroecologia produz, as bases científicas para apoiar o processo de transição para uma agricultura sustentável nas suas diversas manifestações e/ou denominações.

Gliessman (2001), direciona o conceito de Agroecologia para o mecanismo de aplicação dos conceitos e princípios da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis. Vejamos na íntegra a definição proposta por Gliessman:

A Agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. (GLIESSMAN, 2001, p.54)

Guzmán tem um enfoque voltado para o desenvolvimento rural e assim define Agroecologia:

[...] constitui o campo do conhecimento que promove o manejo ecológico dos recursos naturais, através de formas de ação social coletiva [...], pretendendo estabelecer formas de produção e de consumo que contribuam para encarar a crise ecológica e social e, deste modo, restaurar o curso alterado da coevolução social e ecológica. Sua estratégia tem uma natureza sistêmica, ao considerar a propriedade, a organização comunitária e o restante dos marcos de relação das sociedades rurais articulados em torno à dimensão local, onde se encontram os sistemas de conhecimento portadores do potencial endógeno e sociocultural. [...] Pretende-se o desenho participativo de métodos de desenvolvimento endógeno para estabelecer dinâmicas de transformação em direção a sociedades sustentáveis. (GUZMÁN, 2002, p.56)

Considerando a conjuntura atual da realidade praticada pelos povos tradicionais, pelos movimentos sociais de luta pela terra e as discussões acadêmicas propostas pelos profissionais da área, a agroecologia pode ser definida como um movimento contra-hegemônico, numa perspectiva transdisciplinar, que vai além da aplicação de técnicas sustentáveis para geração de recursos que vão de alimentos, energia, biomassa e demais matérias-primas, pautado em princípios que integra homem e natureza. Nesta perspectiva, a Agroecologia resgata a autonomia dos produtores, destruída pelo agronegócio. É uma proposta transformadora e sua aplicação está associada ao sistema socioeconômico. Possui distintas dimensões que precisam ser consideradas: Escala, social, política, econômica, ambiental, energética, administrativa, técnica ética e soberania alimentar. É uma proposta contra-hegemônica, pois há um confronto com o agronegócio, e, conseqüentemente com o sistema capitalista. (MACHADO; MANCHADO FILHO, 2014)

As características da Agroecologia podem ser elencadas da seguinte forma: Erradicar a dependência de insumos comerciais utilizando recursos renováveis disponíveis no local; enfatizar a reciclagem de nutrientes através de processos de compostagem, produção de biofertilizantes entre outros; cultivo de espécies garantindo a diversidade funcional no sistema; desenhar sistemas que sejam que dialoguem às condições edafoclimáticas locais; manter e ampliar a diversidade de espécies; otimizar os recursos locais, respeitando a capacidade produtiva do ecossistema original; cultivar e respeitar os conhecimentos e saberes ancestrais que são referenciais para o Bem Viver, uma filosofia que sustenta e dá sentido às diferentes formas de organização social de centenas de povos e culturas da América Latina, que segundo Suess (2010) não é fácil expressar, com palavras, uma vez que se trata de uma noção tão ampla e complexa, que abrange muitas dimensões e significados. Pode-se dizer que ele expressa, ao mesmo tempo, memória e horizonte – por um lado, memória pré-colonial e tradicional do mundo andino – e, por outro lado, protesto e luta contra os excessos do capitalismo agroindustrial globalizado. (PORANTIM, 2015)

A partir da concepção de Agroecologia aqui discutida, no ano de 2012, um coletivo de povos, fez um chamamento para tecer uma rede de articulação entre os distintos povos do Sul da Bahia denominada Teia dos Povos, constituída por indígenas, quilombolas, Sem Terra, estudantes, juventude, agricultoras e agricultores, pescadores e pescadoras, marisqueiras, povos dos terreiros e do tambor, professores e professoras,

pesquisadores e toda população engajada na defesa da Agroecologia. (Teia dos Povos, 2017)

A Teia nasce com seis grandes tarefas a serem encaçadas: 1) Buscar e construir a grande aliança dos povos; 2) Conquistar e garantir a terra e o território dos povos indígenas, dos quilombolas e todos os trabalhadores do campo; 3) Contribuir para a recuperação dos biomas Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga; 4) Produzir sua auto-existência nas suas terras, no território e desenvolver a soberania alimentar; 5) Construir uma economia para além do capital e 6) Construir as quatro grandes escolas – Escola do Arco e da Flecha, Escola Quilombola, Terreiro e Tambor; Escola das águas e Mares, Escola da Floresta do Cacau e do Chocolate. (Teia dos Povos, 2017)

A Teia dos Povos possui como princípios:

- I. Terra e alimento como princípio filosófico e de vida, que se constrói através da solidariedade irrestrita aos movimentos pela defesa da territorialidade, tendo como instrumento a pedagogia do exemplo.
- II. O trabalho e o estudo para liberdade que possibilite a construção de um novo modo de vida, desconstruindo a herança dos modelos capitalista, racista e patriarcal.
- III. Reafirmar o olhar ancestral na edificação de um novo tempo, contextualizado à nossa forma (Teia dos Povos, 2017)

A partir dos propósitos acima elencados, foram realizadas cinco edições da Jornada de Agroecologia da Bahia até 2017.

A seguir (Tabela 1), períodos de realização das Jornadas e respectivas temáticas debatidas em cada uma delas.

Tabela 1 - Jornadas de Agroecologia da Bahia: Temática e Período de Realização

Jornadas de Agroecologia da Bahia: Temática e Período de Realização		
I Jornada de Agroecologia da Bahia	Agroecologia: Uma proposta de Soberania do Território Baiano	26 a 01 de dezembro de 2012
II Jornada de Agroecologia da Bahia	Agroecologia: Unindo Povos e Saberes	12 a 15 de dezembro de 2013
III Jornada de Agroecologia da Bahia	Sementes, Ciência, Agroecologia e Tecnologia para mudar a realidade das Comunidades no Campo e na cidade	04 a 07 de dezembro de 2014
IV Jornada de Agroecologia da Bahia	Terra, Território e Poder	29 de outubro a 01 de novembro de 2015
V Jornada de Agroecologia da Bahia	Terra e Território: Natureza, Educação e Bem Viver	19 a 23 de abril de 2017

Fonte: Teia dos Povos

Sobre as Jornadas, Felício destaca que,

A Jornada de Agroecologia é um dos grandes eventos da Teia dos Povos – há ainda, por exemplo, a Farinhada das Tupinambá da Serra do Padeiro (Buerarema-BA) e as Pedagogias e Caruru dos Ibebejis (Itacaré-BA). Entre

estas há mutirões, intercâmbios entre os territórios que fazem parte da Teia e outras formas de solidariedade entre os povos. (FELÍCIO, 2017)

A quinta e última edição da Jornada de Agroecologia, objeto de análise neste texto, teve duas características distintas das demais, a primeira é que em vez da ocorrência anual, essa levou 1 ano e 6 meses até acontecer no período de 19 a 23 de abril de 2017. Outro aspecto foi a realização, pela primeira vez, fora do Assentamento Terra Vista, *locus* originário de ocorrências das Jornadas até a quarta edição. Desta vez, o espaço escolhido foi a Arena da Boca da Barra, em Porto Seguro, Bahia. Para completar o momento de integração, celebração e propagação da cultura dos Povos da Terra a Jornada aconteceu concomitante com os Jogos Indígenas Pataxós atraindo pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo.

Com o tema “Terra e Território – Natureza, Educação e Bem Viver”, os Povos ressaltaram a necessidade de continuar lutando junto com os seus ancestrais, respeitando suas memórias e ensinamentos, compreendendo que sem o sagrado não há força, sem força não haverá vitória e sem vitória não teremos a tão almejada revolução. Os povos alertaram sobre os tempos sombrios que estamos vivendo e o perigo que nosso país e toda a América Latina sofre diante da incisiva investida imperial estadunidense e do sistema capitalista.

Figura 1 - Mesa Educação e Agroecologia: Saberes Tradicionais, Arte e Tecnologia – V Jornada de Agroecologia da Bahia



Fonte: Anderson Souza Viana

Concebemos nesse trabalho o termo Resistência como o ato ou efeito de resistir, que se opõe a outra, que não cede a outra. E é nessa compreensão que analisaremos as Jornadas como espaço de Resistência.

OBJETIVOS

O texto em apresentação tem por objetivo analisar brevemente as Jornadas de Agroecologia da Bahia como espaço de encontro entre a teoria e prática, articulações e resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas no âmbito da Teia dos Povos.

METODOLOGIA

Para análise da problemática anunciada utilizamos como instrumento de coleta a aplicação de um questionário online respondido por 37 sujeitos: 29 discentes, graduandos de distintos Cursos (História, Ciências Sociais, Pedagogia, Ciências Biológicas e Letras/Inglês), 06 docentes e 02 outros profissionais, todos vinculados à Universidade do Estado da Bahia – UNEB (*campi*: Teixeira de Freitas, Eunápolis, Salvador e Euclides da Cunha), o que equivale a 47,4% do total dos que participaram da V Jornada representando a UNEB. O critério de escolha dos mesmos foi terem participado da V edição da Jornada, ocorrida de 19 a 23 de abril de 2017. Dos 37 sujeitos, 10,8% participaram de outras edições da referida Jornada.

Os sujeitos da pesquisa estão aqui identificados com nomes fictícios, os quais homenageamos lutadores/as do povo, que dedicaram suas vidas à luta pela terra, pela democracia etc, visando preservar a individualidade de cada um/a no processo de avaliação da Jornada.

Ressaltamos que, o questionário preenchido pelos sujeitos se deu de forma online, sendo as perguntas respondidas por digitação sem a presença dos entrevistadores. O referido questionário foi constituído por uma série ordenada de três questões, sendo duas fechadas (dicotômicas) e uma aberta (com resposta livre), a saber: 1) já participou de outras edições da Jornada de Agroecologia da Bahia? 2) quais os aspectos significativos que você ressaltaria da V Jornada de Agroecologia da Bahia? 3) considera que a Jornada de Agroecologia se constitui um espaço de articulações e

resistências? Nessa última solicitamos uma justificativa para qualquer uma das alternativas que justificasse a resposta dada, trazendo elementos que possibilitasse o entendimento de sua percepção. Poderia relatar situações vivenciadas/palestras assistidas/Rodas de conversas, Atividades diversas...

Foram quatro as razões que nos motivaram a utilizar o questionário online: 1) facilidade de preenchimento e devolução; 2) forma atraente e funcional; 3) tabulação dos resultados facilitados; e; 4) alcance de um número maior de sujeitos em um curto espaço de tempo.

RESULTADOS PRELIMINARES

Aqui analisaremos brevemente as Jornadas de Agroecologia da Bahia, em particular a quinta edição, como espaço de articulações e resistências, identificando aspectos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos Povos, na perspectiva dos 37 sujeitos que participaram da pesquisa, respondendo o questionário online.

Devido à proposta de inscrição do trabalho que limita em 12 o número de páginas, não será possível transcrever aqui todos os depoimentos dos sujeitos, mas alguns deles.

Aos perguntarmos quais os aspectos significativos que ressaltariam da V Jornada de Agroecologia da Bahia, as respostas foram as abaixo transcritas:

As mesas de debate trouxeram questões muito importantes. A diversidade de povos participantes. Conhecer as lutas e os problemas de cada povo (indígena, pescadores, quilombolas, sem terra), Feira de Produtos orgânicos. Percebemos a teoria e a prática caminhando juntas na Jornada. Muito bom, isso. (**Lúcia Maria de Souza**)

A integração das culturas. As feiras como valorização dos produtos produzidos pelos agricultores e artesãos. A participação de estudantes e docentes. Penso que faltou melhor organização, estrutura no evento e assuntos relacionados às técnicas agroecológicas, tendo em vista o público de pouco conhecimento nessa área e a necessidade de formação e conhecimento para os agricultores e pessoas que vivem do campo, da floresta e da pesca. (**Rosa Luxemburgo**)

Dimensão política do evento, diversidade de movimento, organizações e instituições envolvidas, envolvimento engajado, crítico, de resistência e enfrentamento à negação histórica de direitos sociais; fortalecimento da diversidade cultural brasileira. (**Olga Benário**)

Conhecer outras possibilidades de uma vida sustentável e perceber como as comunidades indígenas e outros grupos sociais tais como o MST se articulam em prol de uma sociedade anticapitalista. (**Frida Kahlo**)

Rodas de conversas e mesas com palestrantes e mediadores de diferentes representações dos Movimentos Sociais proporcionando a troca de experiências e o diagnóstico de variados modelos de práticas agroecológicas. **(Zumbi dos Palmares)**

O aspecto mais significativo da Jornada Agroecológica da Bahia organizado pela TEIA dos Povos é o fato de ser organizada e composta por pessoas que não só estão dispostas a debater questões centrais para uma sociedade mais justa, bem como, essas pessoas possuem a vivência e a luta por essa sociedade. Este evento vai além do debate científico sobre uma sociedade anticolonialista, anticapitalista ou mesmo sobre a importância da produção de alimentos sem agrotóxico etc. O debate é fomentado por pessoas que lutam e vivenciam um projeto de nação onde essas questões estão no cerne. Desta forma, acredito que o aprendizado para nós estudantes e pesquisadores destas temáticas se dá de forma ampla e satisfatória. **(Margarida Alves)**

As rodas de conversas não tinham aspecto academicista e sim a fala de trabalhadores do campo, representantes de comunidades e grupos tradicionais mostrando suas vivências acerca da agroecologia, território e identidade. **(Martin Luther King)**

Espaço de troca e articulação entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes. Espaço onde a resistência se constitui um instrumento transformador...carregado de esperança. As atividades propostas como a Feira de Produtos agroecológicos, as rodas de conversas e mesas cujos protagonistas são os povos tradicionais, a troca de sementes são ações que fortalecem as articulações e resistências dos povos tradicionais. **(Dandara dos Palmares)**

Houve uma grande interação entre os grupos que compoaram o evento. Idéias foram trocadas e compartilhadas. E pautas foram discutidas e novos pontos surgiram para discussões futuras. **(Oziel Alves Pereira)**

Ao analisar os depoimentos dos sujeitos enfatizando os aspectos significativos e relevantes da Jornada, percebemos alguns elementos que configuram o evento na percepção destes: 1) Prática de valorização da ancestralidade através da espiritualidade; 2) diversidade: Cultural, Religiosa e de Povos (quilombolas, camponeses, pescadores, indígenas, do terreiro...); 3) feira de Produtos Agroecológicos como fortalecimento da relação teoria e prática no tocante à Agricultura Camponesa e Agroecologia; 4) espaço de troca de experiências, de aprendizados para estudantes e pesquisadores; 5) espaço de Articulações entre povos tradicionais, pesquisadores e estudantes explicitadas nos distintos espaços de debate; 6) dimensão política do evento, engajamento crítico/Defesa de uma sociedade sustentável, anticapitalista...;7) Protagonismo dos povos originais e movimentos sociais no debate; 8) espaço que propicia conhecer as lutas e os problemas de cada povo (indígena, pescadores, quilombolas, Sem Terra, dos terreiros de do tambor...) e 9) fortalecimento da diversidade cultural brasileira.

Importante trazer aqui uma breve problematização de duas falas dos sujeitos. Uma delas é a de Martin Luther King, quando este ao valorizar o saber da experiência

dos povos tradicionais, enfatiza que os mesmos não possuíam aspecto academicista. Refletimos que essa afirmação possa significar o incentivo ao não acesso ao saber científico, acadêmico para os trabalhadores. Historicamente os trabalhadores, em particular, os camponeses, tiveram seu direito à educação usurpado pela elite brasileira. Ambos os conhecimentos têm sua validade.

Outro fragmento de fala é de Rosa Luxemburgo, quando esta avalia “que faltou melhor organização, estrutura no evento”. Ressaltamos aqui os esforços para se realizar um evento na magnitude (cerca de 3 mil participantes) que é a Jornada de Agroecologia. Um evento organizado por trabalhadores/povos tradicionais, com escassos recursos advindos do poder público. A iniciativa da Teia dos Povos em realizar anualmente essa grande atividade é passível de reconhecimento público, tal é sua importância para o fortalecimento das lutas dos povos tradicionais.

Ao indagarmos aos sujeitos da pesquisa em que medida consideram que a Jornada de Agroecologia se constitui um espaço de articulações e resistências, 85,7% responderam “Sim, completamente” e 14,3% responderam “Sim, parcialmente”, o que confirma nossa assertiva inicial de conceber a Jornada de Agroecologia como espaço de articulações e resistências.

Ao justificarem sua resposta em relação à Jornada como espaço de resistências e articulações, os sujeitos assim se pronunciaram:

Antes da vivência da jornada e pré jornada eu não possuía a dimensão de como a luta pela terra e pelo território são intrínsecas à vida humana, isso porque as discussões lá realizadas e a partir do encontro possibilitaram compreender mecanismos outros de lutar contra as injustiças sociais, e entre esses mecanismos, compreendi a importância de priorizar o reconhecimento de povo e seu lugar, junto com a importância da terra para a sobrevivência material desse povo e o território para o construído e propagação de sua cultura. **(Luiza Garlippe)**

A jornada se mostrou um ambiente muito propício à discussão de temas sensíveis da nossa realidade, um ambiente que coloca ideias contrárias ao que é perpetuado e endossado por grande parte de nossa sociedade [...]. Por isso a jornada é um local de resistência, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual. Por isso, ambientes como esse são sim, ambiente de resistência. **(Sepé Tiaraju)**

A articulação se faz na luta concreta, mas o espaço da jornada pode criar possibilidades para isso. **(Maria Bonita)**

A terra como elo de interligação entre as diversidades dos povos (Teia dos Povos) e, a terra como determinante na caracterização da identidade de um povo. "Sem terra, o povo não é completo", a jornada foi mais uma vez um princípio de união das diversidades que lutam por um bem comum. [...] **(Antônio Conselheiro)**

As rodas de conversas, as palestras os gritos de ordem, para onde se olhava se via a resistência, as pessoas ajudando e ensinando uma as outras. (**Jana Moroni Barroso**)

Roda de conversa e mesa: Uma educação contra hegemônica e a luta por território, estes foram os aspectos que mais me provocaram a reflexão. As escolas da TEIA são cruciais para rompermos com a escola burguesa imposta pelo Estado, a busca pelos saberes tradicionais, a autonomia e protagonismo da classe trabalhadora e dos povos originários é essencial para a resistência da alienação do Estado que vem explorando e assassinando nosso povo. [...] Só avançaremos juntos, com a terra, com nosso povo - homens, mulheres, crianças, negros, negras e povos indígenas, fazendo uma frente única contra o capital. (**Margarida Alves**)

Essa jornada se constituiu principalmente um espaço de fortalecimento das lutas dos povos, relatando as vivências e dificuldades existentes, houve pouca articulação. As rodas de conversas foram importantes para levantar necessidades e sugestões de iniciativas e ações para os povos que se espera concretização. (**Rosa Luxemburgo**)

A Jornada de Agroecologia foi um instrumento de aprendizado que me trouxe esclarecimento e o entendimento de como ocorrem as lutas no campo para o combate a tantas dificuldades e entraves que cada comunidade vive. [...] percebi o quanto é importante e necessário algumas ações para que o movimento não se acabe e para que muitos direitos sejam conquistados. [...] A Jornada em si, se configura como uma forma de resistência e luta. (**Walkiria Afonso da Costa**)

Em debate a fala da matriarca indígena traz a importância da diversidade de povos e como é importante e rico estarem juntos lutando por uma única ou diversas causas. Conhecer a luta dos assentamentos foi muito importante para perceber que só através da luta conseguiremos ser atendidos no nosso pleito o nível de organização foi muito satisfatório para motivar e nos envolver na luta pelo direito a terra e pelo direito de uma boa alimentação com produtos orgânicos. A Exposição dos produtos na feira também destaque como possibilidade de renda, assim como mostrar que a distribuição das terras para torná-la produtiva e rentável para todos. (**Kátia Martins**)

O envolvimento de todos nas lutas de cada povo, mostrando para nós que precisamos estar juntos para enfrentar o capitalismo, o agronegócio e implantar a agroecologia. (**Che Guevara**)

Os depoimentos dos sujeitos trazem distintos aspectos para justificar a completude ou parcialidade das Jornadas enquanto espaço de articulações e resistências: 1) como espaço formativo/de esclarecimentos; 2) como espaço de fortalecimento das lutas dos povos, relato das vivências e dificuldades de cada povo/comunidade; 3) como espaço de autonomia e protagonismo dos povos originários e movimentos sociais; 4) como espaço que principia a união das diversidades que lutam por um bem comum; 5) como espaço de resistência, de ideias contrárias as que são hegemônicas no contexto atual.

Percebemos que alguns sujeitos problematizam uma maior articulação no âmbito da Jornada. Neste sentido, comungamos com Maria Bonita quando essa afirma que, “a

articulação se faz na luta concreta, mas o espaço da jornada pode criar possibilidades para isso”.

Por fim, ressaltar que as Jornadas estão permeadas de contradições, inerentes à existência e práticas humanas, como a questão dos alimentos consumidos nos dias das Jornadas, a exemplo de alimentos embutidos; ainda o destino do lixo. No entanto, não é propósito deste texto debater esses aspectos, dada a limitação de páginas para tal. No entanto, se faz necessária uma aprofundada discussão acerca dessas questões objetivando estreitar a relação entre o que se diz (teoria) e o que se faz (prática).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos respondentes do questionário e também como partícipes das Jornadas, nos arvoramos a afirmar o que anunciamos inicialmente, a Jornada de Agroecologia da Bahia se constitui imprescindível espaço de articulações entre muitos movimentos, comunidades e territórios em luta e resistência dos povos que compõem a Teia, fazendo resistência ao modelo hegemônico de Agricultura, resistência na forma de cultivar seus ancestrais, encantados; nas relações humanas...

Notamos nas respostas dos sujeitos o entendimento da Jornada como um movimento que entrecruza saberes e experiências, tece articulações, estuda, semeia, produz e colhe na coletividade. Há nas “falas” dos respondentes uma compreensão de que entenderam que o que nos une enquanto seres humanos, é maior do que o que nos separa. Nessa perspectiva, a Jornada de Agroecologia constitui-se um movimento que tem se consolidado, a cada edição, como uma intensa e positiva articulação entre os vários sujeitos que dela participam, tendo a Agroecologia como a ferramenta aliada para a construção de uma sociedade sem miséria, escravidão e com respeito a nossa Mãe Terra.

Todos os aspectos ressaltados nos depoimentos dos sujeitos, principalmente os trazem os elementos inerentes às articulações e às resistências construídas no âmbito das Jornadas, consideramos que contribuem para o avanço e fortalecimento das lutas dos Povos aglutinados na Teia dos Povos.

Comprendemos a partir da nossa vivência nas Jornadas, que esta tem sido um oxigênio para as lutas e enfrentamentos no cotidiano dos diferentes povos. Tem se constituído importante instrumento de fortalecimento dos povos para enfrentar o latifúndio também da formação e da produção tecnológica, buscando construir uma

Educação contra-hegemônica. Assim, acreditamos, como Felício (2017) que, “a aliança dos povos abala as estruturas de uma sociedade capitalista que aposta tudo na fragmentação nas bandeiras, pautas e territórios dos trabalhadores”. E a saída para os trabalhadores é a união, é a junção em torno de causas e lutas comuns.

Concluimos com a palavra de ordem presente e repetida durante toda a V Jornada: “Diga ao povo que avance! Avançaremos!!!”

BIBLIOGRAFIA

ALTIERI, M. A. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA- FASE, 1989. 240 p.

FEIDEN, Alberto. *Agroecologia: Introdução e Conceitos*. In: AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. (ed.téc) *Agroecologia: Princípios e Técnicas para uma Agricultura Orgânica Sustentável*. Brasília, DF. Embrapa, 2005.

FELÍCIO, Erahsto. O caminho do bem viver e uma esquerda que se faz pela ancestralidade. *Esquerda Online*, 15 mai.2017. Disponível em: <http://esquerdaonline.com.br/2017/05/15/opiniao-o-caminho-do-bem-viver-e-uma-esquerda-que-se-faz-pela-ancestralidade/>. Acesso em 16 mai.2017.

GLIESSMANN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

GUZMÁN, E. S. *Agroecologia e desarrollo rural sustentable*. In: *Curso Intensivo em Agroecologia: Princípios e Técnicas Ecológicas Aplicadas à Agricultura*, 11., 2002, Seropédica. Palestra... Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2002. Não publicado.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. *A Dialética da Agroecologia: Contribuições para um mundo com alimentos sem veneno*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

NORGAARD, R. B. Base epistemológica da agroecologia. In. ALTIERI, M. A. (Ed.). *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989. pp. 42-48.

PORANTIM. O Bem Viver Indígena e o futuro da humanidade. *Porantim*, Encarte Pedagógico X, 2015.

SUESS, Paulo. *Elementos para a busca do Bem Viver (Sumak Kawsay) para todos e sempre*. 2010. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt.br/?system=news&action=read&id=5166>. Acesso em 06 mai.2017.

TEIA dos povos. <http://teiadospovos.redelivre.org.br/a-teia/>